

Névoas escondem os horizontes eleitorais

Newton Rodrigues *

Não eram enigmáticos os sinais de queda de popularidade de Fernando Henrique que há meses se manifestavam. Aqui mesmo, em 18 de fevereiro, assinalamos que se acendera um sinal amarelo na estrada da reeleição presidencial e que isso era facilmente perceptível por qualquer analista que examinasse seriamente os fatos, independentemente de suas preferências pessoais. O clima preparatório da reunião do PMDB, na qual se iria decidir se o partido marcharia com chapa própria ou permaneceria no apoio ao candidato tucano, mostrou-se elemento importante, pela fratura exposta que exibiu em uma das mais importantes peças de apoio do grupo político predominante.

A derrota dos partidários de candidato próprio não sanou o problema, antes o agravou, pela violência desrespeitosa com que Itamar Franco foi tratado pelas lideranças oficiais e a margem relativamente pequena da vitória alcançada, graças a dezenas de adesões conquistadas nos últimos dias, sabe-se como. Os dois meses e meio transcorridos confirmaram os semáforos. Depois de constante queda das preferências por Fernando Henrique Cardoso, ei-lo com margem de vantagem cada vez mais estreita sobre Lula, seu principal adversário atual. Todos os principais institutos assim concluem: para o Datafolha, a diferença caiu para 4 pontos; segundo o Ibope, estaria em 14, em lugar dos 17 anteriores; no Vox Populi passou pelos 9 e chegou aos 3.

As discrepâncias são secundárias, pois decorrem das técnicas utilizadas e das datas de realização, sendo o principal a tendência geral de queda. No caso das duas concentrações urbanas mais importantes, as dificuldades tucanas são também gritantes: segundo Toledo & Associados, a diferença de FHC limita-se a 10 pontos na Grande São Paulo, enquanto a pesquisa JB-Universidade Federal Fluminense dá ao petista vantagem de 14 pontos, no Rio. Ressalte-se que o desgaste presidencial está configurado em todas as faixas etárias, sociais e de renda. Por último, pesquisa mais recente da Confederação Nacional da Indústria, em conjunto com o Vox Populi, assinala apenas 33% quanto a bom trabalho presidencial, 38% sobre manutenção da economia forte e 33% quanto a honestidade e merecimento de confiança (GZM, 2/6/98).

A extensão da virada de Lula surpreendeu a todos, inclusive ao próprio, mas sua melhora estava na lógica dos fatos, contribuindo para isso não só a formalização de sua frente partidária de apoio, como a deficiência de ação governamental em problemas recentes como a seca, seguida de saques, o incêndio em Roraima, a crise do magistério, que tem uma greve do pessoal de nível universitário completando dois meses, além, é claro, da massa de desempregados e medidas impopulares contra os funcionários públicos (cujos vencimentos estão congelados desde a posse

presidencial) e os aposentados. Como tempero desses pratos, o presidente da República condensou suas preocupações irritadiças em linguagem agressiva e auto-suficiente, quando se apresenta como professor do País e classifica de impatrióticas quaisquer divergências em relação a sua conduta, reeditando o "l'Etat c'est moi", de Luís XVI, que também se considerava um sol.

O progresso vigoroso de Lula não está consolidado e resta ver se as demonstrações de abandono a FHC se manterão firmes e em progresso, no caso de a polarização entre ambos consolidar-se. Só as próximas semanas dirão se o PT e seus aliados alcançaram patamar que lhes permita reduzir o medo de um governo petista, que se mostrou tão forte em outras oportunidades. Estamos em face de um movimento pendular ou de opção firmada? Tecnicamente, a virada a quatro meses do pleito implica os mesmos riscos dos atletas que ficam na melhor forma muito antes da competição e viram o fio na hora da prova. O triunfalismo contribuiria para tanto, mas o próprio Luís Inácio, curtido em duas derrotas, está evitando isso. Há outro fato a considerar: ao firmar a chapa com Brizola, o PT, além de fechar qualquer possibilidade de tornar sua proposta mais ampla, recauchutou uma liderança que já foi muito grande, mas que murchou no desastre de maus governos e no ramerrame de um discurso que é antes refrão desgastado do que concatenação de propostas.

De qualquer modo, o impacto do crescimento eleitoral de Lula, que momentanea-

mente está controlando a crise interna de seu partido, influencia todo o quadro eleitoral e propicia rearrumações. O cancelamento da reunião do diretório nacional do PMDB na qual se pretendia debater a convocação de um plebiscito interno sobre a questão de o partido ter ou não candidato próprio é um indício disso. "La mauvaise fortune amène les trahisons...", escreveu notável escritor e político. Se FHC não conseguir reverter rapidamente as tendências que se estão acentuando, crescerão as possibilidades de a decisão peemedebista de março ser modificada, pois tudo que tem sido decidido sobre candidaturas, em todos os partidos, constitui apenas hipóteses de trabalho, diferentemente consolidadas, uma vez que só as convenções realizadas entre os dias 10 e 30 deste mês terão valor legal. A configurar-se a hipótese, será inevitável um segundo turno, mas ela poderá atingir também a candidatura petista, pelo surgimento de outra opção, mais forte que a de Ciro Gomes, única variante existente, pois Enéas é um fenômeno à parte.

As recentes críticas de César Maia, candidato pefelista ao governo do Rio de Janeiro, à ação presidencial mostram interesse tático de desvincular-se de provável desastre local de Fernando Henrique, configurado pelas pesquisas no estado. Mesmo Antônio Carlos Magalhães, embora firme no apoio a uma candidatura na qual tem forte participação, fez públicas suas críticas à condução do processo eleitoral, reclamando maior vigor presidencial e constante e diversificada presença na mídia, difícil de conciliar-se

com a lei eleitoral que voltou a atacar.

Excetuando o Ceará, há grandes possibilidades de os governos tucanos serem derrotados em outubro e essa expectativa, clara no Rio de Janeiro e configurada em São

Se FHC não conseguir reverter a tendência de queda, crescerão as chances de o PMDB lançar candidatura própria

Paulo, influencia, como é natural, os jogos das alianças e os alinhamentos quanto ao pleito presidencial. Minas, nesse caso, tornou-se palco de um jogo que pode ser decisivo. A imagem de

Magalhães Pinto, segundo a qual a política é como nuvem que muda de conformação a cada momento, está ali configurada outra vez. Durante longo tempo, Fernando Henrique empenhou-se em desviar Itamar Franco da disputa presidencial e apoiá-lo para que chegasse ao governo mineiro. Mas agora há a possibilidade de que isso seja um novo espantalho no Planalto, pois o ex-presidente, mesmo sem se ter lançado, comanda as pesquisas e sua presença nas urnas atingirá em cheio as chances do tucano local e de FHC no estado. Daí o convite presidencial a Newton Cardoso, candidato assumido, para um encontro político, de óbvias finalidades. Por outro lado, a opção de Itamar pela disputa local porá setor autonomista do PMDB na necessidade de endossar outra candidatura, que seria a de Sarney, se ainda se considerar à disposição do partido, como dizia antes.

A névoa está cobrindo os horizontes eleitorais. E, qualquer que seja o resultado de outubro, a governabilidade será o problema maior.

